

BIBLIOGRAFIA

«*Relazioni Storiche fra l'Italia e il Portogallo*» — Reale Accademia d'Italia, 1940 — XVIII — 558 págs.

SILVIO PELLEGRINI — «*Repertorio Bibliografico della Prima Lirica Portoghese*» — Sociedade Tipografica «Modenese» — Módena, 1939 — XVIII E. F. — 84 págs.

O volume de ensaios sôbre «as relações históricas entre a Itália e Portugal», publicado em meados do ano transacto pela Real Academia de Itália, obteve largo eco, que mais aumentará ainda com o decorrer do tempo.

Torna-se, de resto, agradável que as manifestações de amizade entre estas duas nações se concretizem em expressões de cultura que, não obstante revestindo, por exigências contingentes, carácter de transitoriedade, servem, contudo, para iluminar situações espirituais, devendo atear o desejo de aprofundar e tornar mais viva esta intimidade.

A obra, como se depreende do próprio título, teve por objectivo o horizonte histórico, existindo,

no entanto, como pressuposto e complemento a esta, outros artigos tanto em literatura como em arte, filosofia, geografia e sociologia.

O panorama é, assim, ampliado e aprofundado.

Os estudos históricos abrem-se com um artigo de Rellini, sôbre o argumento: «*La penisola appenninica e la penisola iberolusitana nei rapporti preistorici*», para continuar com outro subsídio de Paribeni «*Roma e la Lusitania*».

O Padre A. Ferrua, um dos nossos mais diligentes e célebres epigrafistas, dá-nos conhecimento da conquista cristã da Lusitânia.

Segue-se o perfil de Mafalda de Saboia, primeira rainha de Portugal, da autoria de Francesco Ercole e ainda o do Papa Giovanni XXI, o dantesco Pietro Ispano «*lo qual già luce in dodici libelli*», que, depois de ter conquistado fama como médico e filósofo, rege a Cátedra de S. Pedro desde Setembro de 1276 a Maio do ano seguinte, obra de Vito Vitale.

A história eclesiástica, pertencem também, além dêste último

artigo, os subsídios; «S. António da Lisbona e di Padova», de Fr. Leone Bracalone; «I portoghesi e Paolo III per la diffusione della civiltà cristiana nelle Indie e nell'Estremo Oriente», do Padre Tacchi Venturi.

Embora seja esta a parte fundamental da obra, oferecem também um largo interesse os trabalhos histórico-literários, nos quais surge como alvo, principalmente, a influência que a Itália exerceu sobre a literatura lusitana. Distingue-se, em primeiro lugar, o artigo do professor J. Gomes Granco — «Un umanista portoghese in Italia: Achilles Estago», de indiscutível relevo, não só pelos dados que se nos patenteiam acerca de Estago, mas ainda pelas informações sobre a cultura europeia quinhentista. Giulio Bertoni contribuiu para a «Miscellanea» com uma «Introduzione allo studio dei Lusíadi» onde, a propósito põe em relevo o novo rumo que Camões dá ao seu poema, inspirado, não nos romances de cavalaria, mas no ideal patriótico, na convicção moral, e todo êle ressonante de íntimo e sincero sentimento.

Arturo Farinelli, no seu amplo ensaio, retoma o tema das relações entre a poesia italiana e o autor dos Lusíadas. Nos períodos deste artigo, o entusiasmo e o lirismo fervem, capazes de fundir observações eruditas — sob a reconhecida influência de Camões, dos nossos poetas, prin-

cipalmente Petrarca e Sannazaro, — em intuições estéticas e em visões panorâmicas de literatura comparada.

Uma nota concernente à literatura portuguesa de setecentos é dada por R. M. Ruggieri, ilustrando o «Hyssope», do fundador da Academia Lusitana — António Diniz da Cruz e Silva, com oportunas referências a obras épicas, cómicas e satíricas, tanto antigas como modernas.

Fecham a colaboração literária da citada obra os dois trabalhos seguintes: «Gli studi portoghesi in Italia nell'ultimo cinquantennio», de C. Guerrieri Crocetti e «Poeti e prosatori del Portogallo d'oggi» de G. Valentini. O primeiro destes dois subsídios constitui uma enumeração documentada e completa de quanto se tem feito em Itália no campo dos estudos lusitanos, a começar pelas pesquisas levadas a efeito por Monaci cerca de 1870, para continuarem com as de Molteni, de De Lollis, de Pellizzari, de Bertoni, de Pelaez, de Farinelli, de Cannizzaro, de Peragallo e acabar com os trabalhos dos recentes e insignes estudiosos da cultura e da arte portuguesas, como Pellegrini, a Ruggieri, Battelli, o próprio Guerrieri Crocetti e Ruggieri.

O ensaio de literatura contemporânea revela-nos as últimas manifestações, quer poéticas quer em prosa, da arte portuguesa.

É-nos dado conhecer, não só

nomes de artistas mas centros e cenáculos, como os recolhidos pela revista «Presença», de Coimbra, ou pela «Águia», correntes e atitudes. Encontramos notas sobre Casais Monteiro, António Ferro, Florbela Espanca, sobre os romancistas Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz, sobre os contemporâneos ainda vivos: Aquilino Ribeiro, Júlio Dantas e Agostinho de Campos.

Não obtiveram menor sucesso, entre os doutos das disciplinas científicas, os assuntos referentes a geografia e viagens, dos quais se ocupam os artigos: «Collaborazione italo-portoghese alle grandi esplorazioni geografiche ed alla cartografia nautica», de G. Pó; «Portogallo ed Etiopia» de C. Conti Rossini; ou aqueles que dizem respeito à física, medicina, botânica, arquitectura, política e corporativismo, nos seguintes artigos: «Fisici italiani in Portogallo», de G. Costanzo; «Rapporti fra Italia e Portogallo nel campo delle scienze mediche», de P. Piccinini; «Domenico Vandelli e la fondazione del primo orto botanico nel Portogallo», de B. Longo; «Architetti militari italiani in Portogallo», de L. A. Maggiorotti; «La relazione tra lo stato sabaudo ed il Portogallo nei secoli XVI e XVII» de F. Cognasso, «Il corporativismo in Italia e nel Portogallo», do Ministro G. Bottai e «Il Portogallo d'oggi» di Aldo Bizzarri.

Estas rápidas indicações servem, pelo menos, para interessar

qualquer estudioso no conhecimento da obra e contribuirão para a difundir, mais largamente, em terras portuguesas.

Já em Itália o público dos intelectuais fez alegre acolhimento ao notável trabalho.

Devemos a um dos melhores cultores da literatura portuguesa — Silvio Pellegrini — catedrático de filologia românica na R. Universidade de Pisa, este precioso e paciente trabalho, que viu a luz, poucos meses depois, por intermédio do Instituto de Filologia Romanica, da Real Universidade de Roma. Conforme diz o título, êle servirá de guia a quem queira iniciar qualquer trabalho no domínio da antiga lírica portuguesa.

Talvez que, em Itália, ninguém pudesse aprontar-se para este difícil empreendimento com uma preparação específica do alcance da que Pellegrini conseguiu, com o seu estudo em questão.

Recordamos alguns dos trabalhos produzidos por este cultor da literatura lusitana em Itália: «D. Deniz», que remonta a 1927: «Auswahl altportugiesischer Lieder», publicada no ano seguinte; o artigo «I lais portoghesi del codice vaticano lat. 7182», publicado no «Archivum Romanicum» de 1928; a ampla e circunstanciada apreciação da edição crítica das «Cantigas de amor dos trovadores galego-por-

tugueses», ao cuidado de José Joaquim Nunes. (Coimbra 1926 e 28); «Gli appunti su una canzone di re Dionigi e sulla fortuna di «occasio» nella penisola iberica» artigo aparecido no mesmo «Archivum Romanicum» de 1932.

E, para não me alongar em citações, terminarei com uma referência à obra «Studi su trove e trovatori della prima lirica ispano-portoghese», saída em Turim no ano de 1937, na qual Pellegrini reuniu também numerosos ensaios seus, espalhados por várias revistas. A obra de Pellegrini abre com a indicação dos cancioneiros que contêm as poesias líricas portuguesas da primeira época, subdivididas em profanas e religiosas. A segunda secção do trabalho apresenta as obras impressas, divididas também em duas partes: de 1823 (ano a que remonta a edição dos «fragmentos de um cancionero inédito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa» de Carlo Stuart) até 1873, data em que começa «l'era propriamente scientifica dello studio dei vostri canzonieri», com a edição que Monaci nos deu dos antigos cantares portugueses tratados no códice vaticano 4803; e de 1873 a 1937.

Na 1.^a parte que acabamos de referir o argumento não compreende uma resenha completa dos trabalhos de interesse, não só pela dificuldade de tomar contacto com todos, como ainda pela

necessidade que se impôs de excluir os que não ofereciam outro apreço que mera curiosidade.

Na segunda parte apresenta-se um elenco completo, como afirma o autor, guardando como única reserva as mais recentes publicações, que a actual situação política internacional não permitiu que chegassem às mãos do nosso estudioso.

Não obstante dificuldades de todo o género, os títulos de artigos reunidos atingem 280 e os autores citados são cerca de 250.

Pode dizer-se que reaparece um ângulo dos estudos portugueses, onde os melhores cultores da literatura colaboraram com inteligência e paizão.

O método crítico seguido por Pellegrini é verdadeiramente louvável, porque, depois de ter mencionado por cada publicação de antiga poesia lírica portuguesa, a indicação bibliográfica, quis acrescentar, em caracteres mais miúdos, todas as notas explicativas existentes em cada uma dessas publicações o que facilitará a consulta e o estudo.

A obra é precedida por uma explicação das abreviaturas usadas, que contém cerca de 150 nomes de revistas consultadas.

É inútil pôr em relevo as vantagens de um tal repertório; impõe-se-nos, porém, o dever de elogiar o estudioso por um tão eficaz auxílio por ele prestado aos estudos portugueses em Itália.

G. M. BERTINI

UMBERTO BISCOTTINI — «Còr de Malta» — Ed. Maltesi — Roma, 1941 — 148 págs.

O título deste livro poderia ser ampliado: Còr, luz, alma de Malta, tanto as suas páginas — mais de uma verdadeiramente impregnada de lirismo — ilustram uma viagem espiritual à Ilha mediterrânica.

O autor é conhecido por estudos e admirável actividade em defesa da Itália de além fronteiras; recordamos, entre outras, as suas publicações sobre a Dalmácia, sobre a Córsega; recordamos, especialmente, aquele seu «Jornal de Política e de Literatura» que, de há muitos anos, com uma paixão digna da melhor causa, consagra as suas páginas aos problemas vivos e concretos da nossa italianidade.

«Còr de Malta» é, têmo-lo dito, a descrição de uma peregrinação, povoada de imagens, de remeniscências, de amor dedicado a uma terra que tem sido um berço da nossa civilização mediterrânea, um centro de fé nacional, especialmente no Resurgimento.

Os primeiros habitantes da Ilha (cuja origem permanece envolta na lenda) estão ainda presentes, com os sinais da sua civilização, nas ruínas dos templos megalíticos de Casale Solfenti e de Casale Tarscieni. Fenícios primeiro e Cartagineses depois, conheceram certamente Malta, que, pelos fins daquela

época, fazia o seu ingresso na vida mediterrânica. Na época das Guerras Púnicas, os romanos passam através da Ilha a recolher a potência do inimigo, lançando-nos, ao mesmo tempo, as bases de uma nova civilização, indissoluvelmente ligada à da Itália.

Com a invasão árabe, a bela língua latina parece apagada e dela nasce uma mistura idiomática que o povo, por força dos acontecimentos, usa quotidianamente. Mas a verdadeira língua de Malta é também sempre italiana.

Na viagem sentimental do evocador, aparecem os primeiros sinais cristãos em Malta, com S. Paulo. Maior dom não podia a Ilha invocar. Durante três meses se demora lá o Apóstolo e, neste tempo, inicia a sua evangelização. As catacumbas e as criptas que o viajante encontra no seu caminho, são testemunho pleno do amor com que Iddio velou por que os malteses conservassem o seu credo.

A insistência com que o autor se induzia a descrever a tradicional fé cristã de Malta tem um motivo. O catolicismo é ali insidiado e combatido pelo novo infiel, contra o qual a luta é implacável. Tudo aquilo que é defesa das tradições espirituais, é defesa da vida civil e cultural.

A idade dos Cavaleiros de Malta revive, ainda hoje, não sómente na memória dos eruditos, na dignidade da arte, na riqueza

za das tradições da Ordem: é qualquer coisa de vivo no sangue do povo maltês que, tendo-se misturado também naquela época com a flor das flores do mundo europeu, se sente ainda hoje ligado, pela comunhão de costumes, de tradições, de idioma e de raça, com o resto da Península, da qual deve ter recebido o dom inestimável da sua moderna civilização. (d. s.)

MÁRIO DE FIGUEIREDO — «A Concordata e o Casamento» — União Gráfica — Lisboa, 1940 — pág. 151.

Veio este volume a público em fins do ano dos Centenários, e não só pela alta personalidade do seu autor, como também pelo contributo e auxílio por ele prestados à Igreja e ao Estado, afigura-se-nos bem digno do ano áureo.

Tudo nesta obra, destinada a dissipar quaisquer dúvidas que, na aplicação do Decreto 30.615 pudessem surgir, para, no dizer do Dr. Mário de Figueiredo, «evitar desvios, tanto por parte dos párocos como dos funcionários do Registo Civil, que, criando atritos, comprometessem o pen-samento de conciliação que anima aqueles diplomas», nos parece nitido perfeito e exacto.

Estudo cuja necessidade se fazia sentir com uma certa acuidade, reveste-se dum carácter essencialmente prático. Escrito

«longe dos livros e só com base nos textos legislativos», consegue plenamente o seu objectivo ao interpretar o regime jurídico relativo ao casamento, criado pela concordata e promulgado pelo Decreto de 25 de Junho de 1940, que, no seu artigo 61.º, preceitua que «a Concordata e o Acôrdo Missionário vigoram como direito interno português».

E, como em todo o diploma, que deu execução às disposições da Concordata, repetidas vezes se apela para outras normas de direito interno português, bem necessário se tornava fazer a conjugação destes princípios, para maior facilidade e certeza quando da sua aplicação. A tal tarefa se entregou o Sr. Dr. Mário de Figueiredo com o melhor resultado.

Esperava, contudo, o autor fazer obra de maior envergadura, estudando todo o regime jurídico criado pela Concordata; mas, tendo sido chamado a sobressar a pasta da Educação Nacional, forçado foi a desistir de tal intento, tendo dado a lume, no entanto, a «Concordata e o casamento», que deveria constituir um capítulo desse estudo.

Lamentamos que S. Ex.^a não tenha podido levar a cabo, integralmente, o seu propósito, pois era a pessoa indicada para nos dar a interpretação exacta daqueles preceitos, não só pela grande cultura e alto espírito de

jurista, que possui, mas também porque, na frase do Sr. Presidente do Conselho, «deixou o seu nome e muito do seu talento ligado àqueles textos».

Foi no início do ano de 1937 que o autor de «A Concordata e o Casamento», recebeu do Sr. Dr. Oliveira Salazar o convite para, conjuntamente com o Dr. Manuel Rodrigues, então Ministro da Justiça, o Sr. Embaixador Teixeira de Sampaio e o Dr. Fezas Vital, estudar um projecto de Concordata com a Santa Sé, no qual o Sr. Presidente do Conselho há mais de dois anos trabalhava. E o seu interesse foi tal e a colaboração que lhe deu tão profíqua que, no maravilhoso discurso pronunciado em 27 de Maio de 1940, em sessão extraordinária da Assembléia Nacional, convocada para apreciar a Concordata e o Acordo Missionário, celebrados com a Santa Sé em 7 de Maio do mesmo ano, pelos plenipotenciários de Sua Santidade e do Sr. Presidente da República Portuguesa, Salazar referindo-se-lhe, aludia a «alguém que durante mais de três anos me ajudou, ou melhor falando eu ajudei no estudo, na discussão e em difíceis e delicadas negociações.»

Portanto, dificilmente se encontraria quem, com igual competência, conhecimento e carinho pudesse empreender o trabalho que mais uma vez achamos de consultar.

ARMANDO SAPORI — «Studi di Storia Economica Medievale» — G. C. Sansoni — Firenze, 1940 — págs. 662.

A originalidade das ideias pessoais de Armando Saporì, sobre a Economia Medieval e particularmente sobre a idade média italiana, encontrou calorosas aprovações quer na crítica, quer nos congressos históricos internacionais dos últimos anos. Os fins destas ideias foram escritos num amplo prefácio de um livro publicado recentemente, no qual o autor reúne os estudos de quinze anos de actividade científica: trabalhos baseados nas investigações dos arquivos, sobre uma nova e directa documentação.

O fito principal é a reconstrução das grandes companhias mercantes italianas, consideradas, além dos pormenores e do conjunto da sua actividade económica, no ponto de vista da organização jurídica, administrativa e contabilística. Tudo isto leva, em sentido mais amplo, a delinear com extrema riqueza de dados, os precedentes históricos da administração moderna; estudo que ainda não foi tentado e que interessa aos historiadores da economia, juizes, cultores da técnica e da contabilidade.

Os resultados destas difíceis investigações, levaram Saporì a encaminhar estes estudos para uma orientação inteiramente no-

va, para ligar historicamente a grandeza da idade média italiana, envolvida numa documentação e em argumentos rigorosíssimos e apaixonantes, ao esplendor do Quinhentos, a fim de procurar definitivamente na época medieval, os princípios das instituições mais significativas da civilização moderna e contemporânea.

CARLO ZAGHI — «Vita di Romolo Gessi — I. S. P. I., Milano, 1940 — pág. 384, ill. 34.

O livro de Zaghi, escrito com bom critério e boa ordem, com um completo conhecimento de fontes históricas editadas e de muitas outras não editadas ou pouco conhecidas, saiu rigoroso e apaixonante.

O autor serviu-se, como melhor não se poderia, do ingente e inédito material de que dispunha. De página em página, a figura de Romolo Gessi, vem tomando força, até se realçar, por último, nos capítulos que tratam das suas empresas africanas, pelas quais ninguém hesitaria em chamá-lo o Garibaldi da África Central.

Volume de acentuado interesse, pois que, juntamente com a actividade dos pioneiros italianos, ilumina o dramático período vivido no Egipto nos últimos dez anos do século passado, especialmente no que se refere à penetração no Alto Sudão e nas regiões equatoriais. Há neste li-

vro bocados que não se podem ler sem sentir arrepios. Exemplos nobilíssimos de submissão aos ideais científicos e humanos, misturam-se com uma atmosfera taciturna e sanguínea de esgotamento e de barbaridade, que criou uma vida infernal numa zona em que se realizava a penetração em nome duma civilização superior!

A vida de Gessi aparece, assim, como mais uma prova das esplêndidas qualidades morais e intelectuais dos exploradores italianos que em todo o mundo deixaram traços da sua coragem e da sua humanidade. (d. s.)

GIUSEPPE BOTTAI — «A nova escola secundária» — Sansoni ed. — Florença, 1941.

A nova escola secundária, realizada pela moderna organização fixada na Carta da Escola, fundou-se há alguns meses, acompanhada do caloroso entusiasmo do mundo escolástico e da confiante esperança das famílias italianas. Assim devia ser, porque, até às primeiras orientações a reforma vinda ao conhecimento do povo, pelas discussões do projecto de lei feitas na Câmara dos Fascios e no Senado, pelos relatos de Giuseppe Bottai ao Duce e ao Conselho dos Ministros, tinha obtido as mais amplas aprovações.

Hoje, acabado o período das polémicas cortesias e das discussões profícuas, a reforma, con-

fiada na inteligência dos professores, venceu a grande prova, e o Ministro Bottai, muito oportunamente, resume num volume as fases de elaboração do seu grande projecto e acompanha-o até se transformar em lei. Completam a interessante publicação, os noticiários das referidas discussões da Câmara e no Senado; os textos dos relatos e da lei; as directivas concedidas pelo Ministro aos Provedores e aos editores para os livros de texto e para as bibliotecas escolares, para as exercícios do trabalho, para o ordenamento e o funcionamento do novo organismo. O volume é, por isso, utilíssimo a todos aqueles que são levados pela necessidade profissional à aplicação da reforma, e pode despertar interesse nas famílias cuja atenção é naturalmente atraída para esta arriscada experiência, sobre a qual é baseada a vida cultural, presente e futura, dos próprios filhos.

Na introdução do livro, o Ministro, depois de um estudo histórico comparativo sobre «escolas únicas» na Europa e na Itália, expõe os princípios fundamentais da sua reforma, destinada a actuar verdadeiramente com profundidade, para livrar a escola contra todos os grandes e pequenos defeitos que até ontem foram os senhores das aulas e dos sistemas. Em cada página do livro é viva e continua a preocupação, quer através da palavra de Bottai, quer através das

ideias e dos esclarecimentos de autorizados escritores de assuntos escolásticos, como Guido Mancini, Luigi Volpicelli, Nazareno Padellaro, Mimmo Sterpa e do sub-secretário Riccardo del Giudice, de obter no ensino a mais completa fusão espiritual do saber e do amor. (d. s.)

ALFREDO SIGNORETTI — «Itália e Inglaterra durante il Risorgimento» — I. S. P. I. — Milano, 1940 — págs. 369.

O autor examina, sem paixão de polémica, mas com objectiva serenidade, a atitude da Inglaterra perante a epopeia do nosso ressurgimento, e, mais especialmente, perante os grandes acontecimentos que assinalaram os progressos da revolução de Itália desde 1859 até ao reconhecimento do Reino.

O escritor, reconhecendo, também, que foram homens da sociedade inglesa que, pessoalmente, viram com muita simpatia o nosso ressurgimento, não atribui a este facto um valor de importância no ponto de vista histórico. Importância tem a atitude oficial da Inglaterra, a qual, segundo o autor, não procedeu naquele período senão conforme os seus interesses. Típico e revelador, o capítulo dedicado à cedência de Nizza e Savoia à França, para a qual se fez, da parte da Inglaterra, grande estrépito e se pronun-

ciaram graves palavras até contra Cavour. A realidade era outra. E o autor colhe-a na carta na qual E. D'Azeglio contava a Cavour os colóquios com Palmerston: os ingleses dizem: «se vocês obtiverem êstes resultados somente com revoluções internas, avançando. Mas se a vocês, para se alargarem, ocorre arruinar o Universo, de modo a pescar em águas turvas e se para obter Veneza, a Umbria precisa de fazer um pacto obscuro com a França, sobre a extensão às fronteiras naturais e sobre o derrubamento do Oriente, então, alto lá, porque não é só a Itália que está em jogo, mas a tranquilidade da Europa».

M. FORTI — «Alle origini della vita moderna», (Contributo per la storia della Civiltà Europea) — G. C. Sansoni — Firenze, 1940 — 336 págs., 118 ill.

Num momento em que as glórias italianas são justamente valorizadas, ao mesmo tempo que a batalha pela autarquia faz compreender a importância nacional e ideal da técnica, a falta de um livro como êste, escrito para um público vasto, era uma lacuna já por muitos sentida. O presente volume será, para o grande público dos não especializados, quasi uma revelação. Ele ensinará quantas importantes invenções e quantas aplicações técnicas, fundamentais até para a nossa vida quo-

tidiana, se devem a conhecidos ou desconhecidos autores italianos, que viveram entre décimo primeiro e o décimo quinto séculos.

O autor estudou êste movimento em documentos originaes, conservados em vários países da Europa, e dêles esboça uma história, que se recomenda pela clareza com que os assuntos são postos ao alcance até de quem não seja técnico profissional.

Portanto, quem se ocupar da nossa história cultural e política, encontrará nesta obra um precioso auxílio, pois que Forti não se contentou apenas em esboçar uma história de limitado campo, mas também estudou a técnica nas suas relações com todas as actividades da vida italiana.

O conceito de humanismo, especialmente, é apresentado nesta obra de modo novo, o que não deixará de suscitar discussões.

As gravuras e os mapas fora do texto, são, em parte, fruto de investigações feitas nos vários museus e nas diversas bibliotecas da Europa, onde existem vestígios de tão vasto passado da Itália. Êstes vestígios, pelo seu valor e interesse documentário, não acrescentam pouco ao mérito dêste volume.

BIBLIOGRAFIA COLONIAL DE 1940

A paixão sempre crescente e o interesse que em Portugal des-

pertam os estudos coloniais, sugerem-nos dar um quadro geral, embora incompleto, das obras que, sobre êsse assunto, foram publicadas em Itália no ano de 1940.

No ramo histórico C. Conti Rossini escreveu «La battaglia di Adua»; Angelo Gianni, «Italia e Inghilterra alle porte del Sudan». La spedizione di Massaua 1885», que esclarece os acontecimentos que assinalaram a primeira tentativa colonial do ressurgido Reino de Itália; Raffaele Ciasca, «Storia coloniale dell'Italia contemporanea», II.ª edição notavelmente aumentada e enriquecida com o volume publicado o ano passado; «Ritratto di Pietro Lanza di Scalea», de Roberto Cantalupo, que reevocou a múltipla actividade de estudioso, de político, de organizador e de homem de Estado, do falecido Ministro das Colónias; Aurora Carlino Venturini, «Carlo Piaggia», no qual é narrada a obra tenaz do modesto luquês, a exploração no Nilo Branco, e a viagem através o Nyam-Nyam, sobre os Lagos Tana e Alberto.

Para a descrição de regiões ou de viagens, explorações ou missões de estudos, escreveram: Dr. Matteo Piccaia, «La regione del Conta nel territorio dei Galla e Sidama»; L. Massa e D. Saccardo, «Attraverso il territorio dei Galla e Sidama»; L. Grottanelli Vigni, «Missione etnografica nell'Uolleya Occidentale» (volu-

me 1.º); Piovan, «Abba Magal»; A. Carlini Venturino, «Carlo Piaggia ed i suoi viaggi nell'Africa Orientale ed Equatoriale»; L. Vinigi, «Missione di studio al Lago Tana» (vol. II); F. Santagata, «L'Harrar. Territorio di pace e di civiltà», completa e precisa resenha de todos os aspectos da região; Giorgio Roletto, «Rodi, la funzione imperiale nel Mediterraneo orientale»; Imerio da Castellanza, «Orizzonti di oltremare»; Franco Pattarino, «Deserto. Da Asmara a Tripoli in automobile», que é o diário duma caravana automobilística numa viagem de 6.000 km; Dr. Luigi Maria Bologna (Chefe do Serviço Agrário da Colónia de Eritreia), «Relazione di una missione di studio compiuta nel Kenia per incarico del Governo generale dell'A. O. I.»; Antonio Petrucci, «Verdi contrade d'Africa»; Delponte S.S., «Lo Scioa nelle opere di penetrazione di militi della «Cirene»; G. Ranalli, «Le terre italiane d'oltremare»; R. Corso, «Africa Italiana. Gente e Costumi»; A. Carbone, «Questa è l'Etiopia»; E. Zavattari, «Il contributo degli italiani alle scoperte geografiche africane»; Anna Messina, «Cronache del Nilo», onde descreve as impressões duma viagem no Egito.

Os seguintes volumes são exclusivamente dedicados à Libia: «Cammini del Sud», de Fernando Gori, no qual são documentadas as conquistas agrícolas e

industriais da transmigração colonial na Líbia, desejada pelo Duce e realizada pelo saúdoso *Quadrumviro Balbo*; «L'insediamento umano nella Libia occidentale», do Prof. Emilio Scarsisi, que diz respeito ao território e às populações da Tripolitânia; «La conquista della terra di Libia», de Domenico De Gregorio; «Le risorser idriche della Cirenaica», do Prof. E. Pantanelli; M. D. Giovanni, «Tripolis» — Vol. I, Introdução ao estudo da antiguidade tripolina.

Pela parte linguística, temos: «L'arabo parlato a Tripoli», de A. Cesareo; «Il manuale di Sidamo», do Dr. Moreno, director geral do Ministerio da Africa Italiana; «La lingua amarica» e «Sillabario della lingua amarica», de G. Serrano; «Lingua triqrina», do académico Carlo Conti Rossini; «Grammatica della lingua galla», de I. D'Arenzano.

Sobre os nossos missionários e acerca da religião, escreveram também: E. Lucatello, «Il padre dell'Etiopia: Il Beato Giustino De Jacobis», G. Barteman, «Il Beato Giustino De Jacobis, Apostolo dell'Abissintia»; G. B. Tragella, «Italia Missionaria»; P. Cultrera S., «Il Cardinale Guglielmo Massaia e l'opera sua».

A colonização e ao desenvolvimento económico são dedicadas as obras: Nino Ruppi, «Nel segno dell'Impero»; Paolo D'Agostini Orsini di Camerota, «Sul confini dell'A. O. I.», e «La colonizzazione africana nel si-

stema fascista»; Mario Dei Gaslini, «Richezze dei Galla e Sidama» e «L'Italia per le popolazioni islamiche dell'A. I.», da autoria do Centro de Estudos de Direito e Política Colonial Fascista do I. R. C. E.; G. Segà, «Il Partito e la rappresentanza delle categorie produttrici dell'A. O. I.»; Luigi Amedeo di Savoia, «L'opera di colonizzazione in Somalia»; G. C. Loschiario, «La disciplina della domanda e dell'offerta di lavoro nell'A. O. I.»; P. Fortunati, «L'importanza delle colonie per la scienza e la politica della popolazione»; V. Beltrami, «L'impero nostro e gli Imperi degli altri»; A. Bertonegli, «Il problema coloniale italiano»; V. Rivera, «Prospettive di colonizzazione dell'A. O. I.»; Giacomo Guiglia, «Lineamenti economici del nostro Impero»; Carlo Poggio, «Politica economica imperiale con particolare riguardo all'A. O. I.»; G. Buonanno, «La viabilità dell'Africa Orientale Italiana»; Ministerio da Africa Italiana, «La costruzione dell'Impero»; «Tre anni di lavoro in A. O. I.», poderosa documentação oficial, em 4 volumes, das importantes realizações do regime; Francesco Caramia, «Politica mediterranea dell'Italia», notavelmente interessante porque esclarece a acção política e militar das várias potências; Mario Pigli, «Direttrici Coloniali»; Antonio Marra, «Comunicazioni e trasporti dell'Impero», Real Accademia de Itália, Congresso de

ciências morais e históricas, «L'Africa», — em dois volumes — contendo os trabalhos feitos no VIII Congresso «Volta».

Os problemas comerciais são competentemente tratados por Prof. Giorgio Roletto (da R. Universidade de Trieste), «Commercio nell'Africa Italiana»; A. Capanza, «Le possibilità dell'A. I. nel settore tessile»; Dr. Antonio Lagand, «Oli e grassi nell'Italia e nell'Impero»; Raffaele Ciferri, «Primo rapporto sul caffè nell'Africa Orientale Italiana», editado pelo Instituto Agronomico para a Africa Italiana; Dr. Moncada, «Il sale nell'Italia e nell'Impero».

Escreveu-se pouco sobre os problemas minerais e agrícolas. Em tal ramo notámos somente três volumes: F. Millosevic, «Qualche prospettiva mineraria dell'Africa Orientale Italiana»; F. Nicolosi Rancati, «Mineralogia e litologia con speciale riguardo ai minerali e alle rocce d'Italia e dell'Impero»; L. Gaddini, R. Ciferri, «Il banano nell'oasi di Derna».

Também no ramo zootécnico foram publicados pouquíssimos volumes: I. Drolandi, «Il cammello»; Edgardo Moltoni e Giuseppe Gneccchi Ruscone, «Gli uccelli dell'Africa Orientale (parte I.)»; Dr. A. Salerno, «Alcuni aspetti del problema zootecnico nel Kenia, nel Tanganica, nell'Uganda».

O mesmo sucede em relação à medicina, higiene e clima. Te-

mos apenas os volumes seguintes: Prof. Giuseppe Pense, «Igiene della vita coloniale»; A. Fantoli, «Elementi preliminari del clima dell'Etiopia»; Prof. Ernesto Bertarelli, «Come deve nutrirsi l'italiano nell'A. O. I.», editado pela Sociedade Cirio de Napoles (S. Giovanni a Teduccio).

Obras várias: A. Finamore, «Vie Romane»; C. Bertelli, «Consiglio Superiore Coloniale e Consiglio di Stato»; P. Gadda-Conti, «Vocazione mediterranea»; Luigi Vetri, «La piccola Sicilia africana»; M. Mininni e G. Ongaro, «Il codice tributario dell'Africa Italiana», vol. II, contendo toda a vasta e delicada matéria tributária; Mario Moretto, «Guida Commerciale dell'A. O. I.», contendo o elenco de todas as firmas, subdivididas por categorias de comércio e indústria, e agrupadas por cada Governo da A. O. I.; G. Ambrosini, «Le porte del Mediterraneo»; Cangiullo, «Lettere a Marinetti in Africa»; Giuseppe Caniglia (fiduciário nacional dos escritores coloniais), «La sceriffa di Mas-saua», dedicado à visita feita à Scheriff Haleuia el Morgani, principal expoente da Tarica Katmia; Nello Puccioni, «Le popolazioni indigene della Somalia Italiana»; A. Merighi, «La Tripolitania dalle origini alle invasioni degli arabi».

A estes acrescenta os seguintes volumes, respeitantes às colónias e possessões de outras Nações: Nava L., «La spartizio-

ne del Marocco»; M. E. Orano, «Attraverso il Marocco (sulle orme dei pionieri italiani)»; M. Giampietro, «I due volti del Marocco»; A. Giaccardi, «La conquista di Tunisi», apreciável revisão histórica da conquista da Tunísia feita pela França; Filippo Caparelli, «Civiltà Italiana in Tunisia»; A. Sammarco, F. Ciarlantini, G. Galossi, E. Rossi, F. Cignolini e M. Guidi, «Egitto moderno»; R. Sertoli Salis, «Italia, Europa, Arabia»; Antonio Monti, «Il canale di Suez e le rivendicazioni italiane». (d. s.)

S. P. N.

Entre as diversas publicações ultimamente realizadas pelo «Secretariado da Propaganda Nacional», algumas merecem ser distinguidas de modo particular.

No «Itinéraire Historique du Portugal» — editado pela Comissão Executiva dos Centenários — Virginia de Castro e Almeida traça um útil perfil histórico do País, juntando ao seu texto notas escolhidas de F. de Pamplona, sobre cronologia dos

monumentos de Portugal, muitos dos quais reproduzidos fotograficamente.

O S. P. N. reúne, num pequeno volume, o texto dos discursos proferidos em Santo António dos Portugueses, em Roma, no dia 2 de Dezembro de 1940, por ocasião das comemorações centenárias ali realizadas e durante as quais o Ministro de Portugal no Quirinal, o Embaixador junto da Santa Sé, e outras personalidades ilustraram o alto significado da cerimónia.

Um guia de Lisboa, compilado por N. de Araújo, aumenta as publicações do Secretariado e constitui um bom itinerário histórico e artístico da cidade; Maria Kell do Amaral ilustra o texto com gosto e originalidade.

O Boletim «Portugal», n.º 59/60, é inteiramente dedicado às celebrações centenárias, e especialmente à Exposição de 1940. Descreve esta última, pavilhão por pavilhão, e em todos os capítulos existe uma nota histórica. Nele colaboraram: H. Cidade, M. Múrias, J. Cayola, F. Barroso, J. R. da Fonseca, L. Chaves, etc. (d. s.).

REVISTA DAS REVISTAS

HISTÓRIA

F. SACCONI, *La politica di Cavour e l'«Opinione» di Torino, da Plombières all'aprile 1859* — «Il Giornale di Politica e di Letteratura», ott-dicembre 1940.

[Neste artigo é analisada com muita perspicácia a vocação unitária italiana do grande estadista, precisa vontade que procura concretizar o seu objectivo sobre o terreno diplomático dum novo equilíbrio europeu].

E. ROTA, *Medioevo e Risorgimento nel periodo formativo dell'Unità Italiana* — «Romana», novembre 1940.

[O a. extrai estas suas interessantes argumentações do texto de um volume em vias de ser imprimido: «Storiografia e il problema delle origini del Risorgimento Italiano»].

FRANCO VALSECCHI, *Aspetti della politica napoleonica in Italia durante la guerra di Crimea — La missione Brénier* — «Rivista Storica Italiana», settembre 1940.

U. MONDELLO, *Un episodio ignorato della politica inglese del Risorgimento italiano* — «Giornale Storico Letterario di Liguria», XIV.

[Das notas de um diário inédito atribuído aos irmãos Par-

ra e de uma carta de Montanelli, o autor reevoca a agitação que houve em Génova, em Março de 1848, em consequência do boato, segundo o qual o governo inglês tinha ameaçado bombardear a cidade, se o Rei Carlos Alberto invadisse a italianíssima Lombardia, que aspirava à unidade nacional].

MASSIMILIANO CARDINI, *La Corsica antica e la dominazione romana* — «Le vie d'Italia», novembre 1940.

A. M. CIRESE, *Per una storia delle relazioni tra il Regno di Napoli e gli albanesi* — «Albania», novembre 1940.

E. NASALLI ROCCA, *Russia e Piemonte nella crisi dell'Ordine di Malta (1798-1802)* — «Storia e Politica Internazionale», settembre 1940.

ANTONIO TEIA, *Statuti di Dalmazia — Origine e funzione degli Statuti* — «Rivista Dalmatica», XX, 1939.

[Insiste, sobretudo, sobre a origem e inspiração latina da legislação da Dalmácia e põe em relevo as analogias e semelhanças entre os estatutos das várias cidades].

ANTONIO LUCARELLI, *La questione del Mediterraneo e l'occupazione francese della Puglia all'inizio del XIX secolo* —